

RESENHAS

SAHLINS, Marshall. História e Cultura: Apologias a Tucídides. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006, p. 331

Rafaela Basso*

História e cultura: um diálogo mais que possível, imprescindível.

Marshall Sahlins é velho conhecido dos historiadores. Não é de hoje seu intento de utilizar as contribuições da história em seus trabalhos antropológicos, estabelecendo um diálogo fecundo entre as duas áreas de conhecimento. Devido à projeção cada vez maior de sua obra nos círculos acadêmicos brasileiros, um de seus trabalhos mais recentes, *História e Cultura – Apologias a Tucídides*, ganhou tradução para o português pela Jorge Zahar Editor. Neste livro, nos deparamos com questões muito recorrentes na historiografia contemporânea, como o papel dos indivíduos, da contingência e da cultura na construção da História. No entanto, há muito que a cultura tem ganhado lugar de destaque na obra deste autor, como bem pode comprovar, por exemplo, o livro *Cultura e razão prática*, cuja tradução para o português já foi realizada. Nele, Sahlins busca suplantar o dualismo ainda muito recorrente na área das ciências humanas entre cultura e razão prática, defendendo a importância do primeiro conceito para o entendimento da dinâmica da sociedade contemporânea, pois somente a lógica utilitária não é suficiente para explicar a experiência humana.

Se a problemática de *História e cultura* não é novidade na obra de Sahlins, o percurso metodológico percorrido pelo antropólogo, entrecruzando várias áreas das ciências humanas, contemplando exemplos pouco usuais, é sem dúvida inovador. Além disso, destacamos que os debates teóricos diluídos ao longo do texto – como, por exemplo, sobre leviatanologia e subjetologia, que traz Foucault como interlocutor privilegiado - acabam sendo fundamentais para evidenciar o propósito deste livro: defender a importância do conceito de cultura para o estudo da

* Mestranda em História Social no IFCH-Unicamp.

História, mostrando que o inverso também é válido. Tal intento se evidencia na escolha do próprio título, sobretudo, o original, *Apologies to Thucydides: Understanding history as culture and vice versa*. Ainda na análise desse “pequeno detalhe”, um questionamento se faz necessário: “Por que o livro se apresenta como “Apologias a Tucídides”?”. Não se pode deixar de mencionar que a obra foi construída tendo em vista a discussão de algumas problemáticas sobre a produção historiográfica suscitadas pelo texto *História da Guerra do Peloponeso*, de Tucídides, pois, para Sahlins, o autor grego teria sido um dos fundadores de uma historiografia que se propõe objetiva e universal. Essa pretensão estaria ligada ao princípio de racionalidade prática defendida por Tucídides, que consistiria na crença de que a ação humana seria movida por uma natureza competitiva e auto-interessada, sobre a qual a cultura não teria nenhuma influência.

Não podemos esquecer que, como um verdadeiro antropólogo, Sahlins acredita que o passado além de ser um país estrangeiro, também é outra cultura, e, se é outra cultura, de acordo com o autor, “descobri-la requer, então, alguma antropologia – o que significa alguma comparação cultural” (SAHLINS, 2006, p.10). Neste contexto, as protagonistas, tanto da guerra do Peloponeso (Esparta e Atenas), como também da Polinésia (Baú e Rewa), mesmo distanciadas no tempo e espaço, emergem como eixos explicativos para comparação, permitindo ao autor não só questionar a validade das leis da racionalidade prática, mas principalmente entender o papel da cultura na determinação do rumo dos acontecimentos. A inserção antropológica de Fiji na análise demonstra uma proposta de inversão teórica, na medida em que o autor busca chaves-explicativas em uma sociedade fora dos “padrões ocidentais”, questionando a idéia de Tucídides de que a história grega se apresenta como padrão ao estudo de qualquer outra civilização.

Outra questão, também levantada pelo texto de Tucídides, é trabalhada por Sahlins e diz respeito à natureza da ação histórica; “Ela é individual ou coletiva?”. A fim de responder a esta questão, o autor lança mão de exemplos não usuais, como dois campeonatos “históricos” da Liga

Americana de Beisebol. O primeiro deles, ocorrido em 1939 é representativo de uma ação coletiva, pois os Yankees conseguiram o título por conta de seu espetacular desempenho ao longo de toda a temporada. Já no campeonato de 1951, o que está em jogo é a ação individual, na medida em que o time apresentou um desempenho inconstante durante toda a temporada e só conseguiu o título na final devido à jogada de um único sujeito, Bobby Thomson. Esses exemplos servem não só para mostrar os diversos tipos de mudança histórica, mas também como eles podem requerer diferentes formas narrativas.

História e Cultura também traz à tona outras questões de natureza estrutural que são de suma importância para o campo da produção historiográfica, uma vez que explora a relação mantida entre indivíduo e sociedade. Neste sentido, o livro agrega um debate sobre leviatanologia e subjetologia, ou seja, entre uma postura teórica que resume o sujeito à mera estrutura e outra que resume a sociedade ao sujeito, respectivamente. Sahlins, por sua vez, busca se afastar de ambas as tendências, aproximando-se de uma postura mais mediadora, evocando a “dialética” de Sartre, onde o que está em questão é a maneira singular como as pessoas vivem a cultura na qual estão inseridas. Subjacente a isso, Sahlins busca entender porque em determinadas condições estruturais, certos indivíduos podem ser revestidos de importância, tornando-se sujeitos históricos significativos. Alguns, como Napoleão Bonaparte, detêm autoridade para mudar o curso dos acontecimentos, pois ocupam uma posição de comando como representantes de uma entidade coletiva. Já outros, como o menino cubano Elián Gonzales – único sobrevivente de uma malograda tentativa de imigração para os EUA-, são investidos de importância devido à posição que ocupam em uma dada situação histórica, ligada ao acaso.

Ainda sobre a questão de como a ordem cultural pode empossar as pessoas de poder e de legitimidade para determinar o curso dos acontecimentos, Sahlins parte da análise de um assassinato político ocorrido nas ilhas fijianas para discutir as relações que podem ser estabelecidas em

torno de estrutura e contingência e entre ordem e evento. Novamente, temos a interlocução com Tucídides, já que este não acredita que a contingência possa ter um papel importante no processo histórico. Sahlins, por sua vez, apesar de defender que a cultura é a grande responsável pela constituição de um dado contexto, assume a presença de uma dose de acaso nos eventos que foge ao controle de qualquer estrutura.

Logo, o trabalho desenvolvido por Marshall Sahlins em *História e Cultura* visa retomar a relevância da cultura no estudo da história em contraposição à ideia da existência de uma natureza universal, responsável por mover a ação humana. Ideia esta que o antropólogo acredita ser tão cara a Tucídides. Sahlins tenta resgatar a cultura do local periférico em que ela foi lançada por esse autor nos primórdios da tradição histórica ocidental. Neste ponto está o grande êxito desta obra, pois na análise de qualquer sociedade, independente da temporalidade em questão, não há como separar história e cultura. Somente através do diálogo entre ambas, torna-se inteligível o fato de que um ato digno de relevância histórica possa mudar de uma sociedade para outra, ou de que, em dadas circunstâncias, alguns homens são revestidos de poder, a ponto de se tornarem agentes históricos relevantes. Apesar de defender essa posição, deve-se atentar que Sahlins não é um apologista do determinismo cultural. Pelo contrário, para ele a cultura pode ser cambiável não só pelas ações individuais, mas também pelos eventos, sendo o inverso também aplicável.